

A vida singular de um jovem militante

Áurea Maria Guimarães *

Resumo: Esse artigo é fruto de uma pesquisa realizada no período de 2007 a 2010, junto a jovens militantes da cidade de Campinas, com o objetivo de compreender as diferentes maneiras que conduziam esses jovens tanto a reproduzir um modelo de vida quanto a criar outras possibilidades de militância na relação com esse modelo. Entre as histórias orais de vida narradas por jovens que militavam em diferentes grupos ou instituições, escolhi a vida de Biula, representante do movimento estudantil secundarista, procurando evidenciar que a singularidade desta vida, como também e a de outros jovens, estava conectada à problematização que faziam no interior de certas práticas, histórica e culturalmente constituídas, possibilitando a criação de novas formas de subjetivação nas quais se modificava a experiência que tinham deles mesmos na relação com os seus heróis ou modelos de referência.

Palavras-chave: história oral; transcrição; heróis; resistência; processos de singularização.

The singular life of a young militant

Abstract

This article is the result of a research carried out from 2007 to 2010 with young militants in the city of Campinas, aiming to understand the different ways which conducted these youngsters to both reproduce a life model and create other possibilities of militancy in the relationship with this model. Among oral stories narrated by young militants from different groups or institutions, I have chosen the life of Biula, a representative of the secondary students' movement, trying to show that the singularity of this life and other youngsters' lives was connected to the problematization they promoted within certain practices, historically and culturally built, thus enabling the creation of new subjectification modes in which the experience they had of themselves in the relationship with their heroes or reference models has changed.

Key words: oral history; transcreation; heroes; resistance; singularization processes.

* **ÁUREA MARIA GUIMARÃES** é Professora do Departamento de Ensino e Práticas Culturais; Coordenadora do *Violar: Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude*, do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.

Com o objetivo de compreender a forma como tem ocorrido a expansão das ações juvenis¹ e a quem os jovens atribuem a possibilidade de conquistar mudanças em suas próprias vidas e no mundo em que vivem, a pesquisa, da qual se originou este artigo, utilizou a história oral de vida (MEIHY, 1991, 1996, 2005, 2007), ouvindo 35 jovens, de ambos os sexos, entre 15 e 24 anos, vinculados a grupos ou instituições localizadas na cidade de Campinas, entre fevereiro de 2007 a dezembro de 2010.

A figura do herói foi entendida como referência escolhida por jovens que militam no campo da religião, da política, da educação e da arte², experimentando tanto uma relação de opressão, uma vez que se submetem aos modos de identificação da subjetividade dominante tal como a recebem, quanto uma relação de criação, ao se reapropriarem dos componentes dessa subjetividade produzindo o que Guattari (GUATTARI e ROLNIK, 1986/2000:

¹ Sobre a noção de juventude e suas ambiguidades, consultar os trabalhos de Sposito (1997; 1999). Nessas obras, o conceito de juventude é tomado em sua historicidade, o que implica compreender a condição juvenil de acordo com a diversidade de experiências que caracterizam a vida dos jovens no mundo contemporâneo.

² Entendo que esses campos constituem diferentes modos de produção cultural e que eles se articulam não somente uns em relação aos outros, mas também ao conjunto do campo social, implicando, como diz Guattari, correlações entre as dimensões micro e macropolíticas. Conforme Guattari e Rolnik, 1986/2000, p. 22-23. A militância nesses campos também pode ser compreendida enquanto práticas sociais atravessadas pela cultura, produzindo sentidos que circulam e operam numa arena em que ocorre a luta pela significação, na qual grupos subordinados fazem frente à imposição de significados vinculados aos grupos mais poderosos. Cf. Costa, Silveira e Sommer, 2003, p. 38.

45-69) considera o “atrevimento de singularizar”³

Primeiramente, as entrevistas foram transcritas na íntegra; depois textualizadas, ou seja, as perguntas foram suprimidas e os textos, rearticulados, de forma a se tornarem mais claros e sem os considerados “erros gramaticais”. Em seguida, na transcrição⁴, os textos foram recriados, invertendo-se a ordem dos parágrafos; frases e palavras foram alteradas. Incorporei às narrativas elementos não-verbais da entrevista, “teatralizando o que foi dito”, a fim de recriar a atmosfera da entrevista. Uma vez “transcritos”, os textos foram submetidos à conferência e à legitimação⁵ dos colaboradores⁶ para retornarem, depois, às minhas mãos.

³ O termo “singularização” expressa movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, afirmando outras maneiras de ser; por isso, movimentos sociais, minorias, desvios de toda espécie têm para Guattari uma importância política. Cf. Guattari e Rolnik, 1986/2000, p. 45.

⁴ Meihy (1991: 32) utiliza o termo “transcrição” no sentido poético dado por Haroldo de Campos para a realização de suas traduções. Campos opera uma transformação do texto traduzido em relação ao original, sem abandoná-lo, mas dele se distanciando para poder transcriar com liberdade e criar um novo original. Segundo Gattaz (1996: 251), Meihy chega mais longe ao propor a entrada de um novo elemento, o “teatro de linguagem”, termo emprestado de Roland Barthes. Se na transcrição surge a necessidade de se adaptar o texto falado ao texto escrito, o teatro de linguagem possibilita incorporar “os elementos não-verbais da entrevista, tão importantes quanto as palavras ditas, mas perdidos na transcrição literal”.

⁵ Momento em que o texto transcrito é entregue ao colaborador para que aprove a versão dada ao seu depoimento. É a etapa de conferência e legitimação, na qual o colaborador faz as correções e alterações que desejar (Meihy, 1996/2005: 184).

⁶ Em oposição ao informante, o narrador-colaborador estabelece com o pesquisador uma

Segundo Caldas (1999:110), os textos transcriados exigem enfrentamento, diálogo, posicionamento e clamam por uma “poética da interpretação”. Nesse tipo de interpretação, buscam-se os textos que atravessam as falas dos colaboradores, desdobrando sentidos, múltiplando interpretações. Concluída a transcrição, experimentei “con-versar” com essas vidas criadas em narrativas, produzindo um texto que possibilitasse abrir caminhos a leituras inesperadas em relação às singularidades das vidas dos jovens entrevistados e à forma como seus heróis os inspiraram na militância.

Para este artigo, escolhi a vida de Biula; uma vida singular na medida em que a individualidade se apaga para dar lugar a uma vida feita de entre-tempos, de entre-momentos e que, no tempo vazio desse entre-meio, é atravessada por acontecimentos⁷ que atuam na multiplicidade das vozes, nutrindo a singularidade de uma potência⁸ vital.

via de mão dupla, porque ele participa e colabora com a pesquisa na medida em que, ao receber o CD com a gravação integral da sua entrevista e o texto transcriado, deverá legitimar ou não esse texto. Cf. Meihy 1996/2005:124.

⁷ Para Foucault (1979: 5), o acontecimento se opõe à idéia de estrutura. Trata-se para ele de recorrer às análises em termos de genealogia das relações de forças, de desenvolver estratégias e táticas para se dar conta da “inteligibilidade intrínseca dos confrontos”. Cf. Foucault, 1979, p. 5.

⁸ Segundo Deleuze e Guattari (1992/2007: 213), todos os seres são afetados por um conjunto de forças que vão além daqueles que as sentem e que são expressão das lutas sociais, das relações de poder que atravessam a sociedade. Essas forças que eles denominam de “perceptos” e “afectos” são uma “potência” porque, ao não se confundirem com as opiniões ou com as percepções e sentimentos que já foram capturados pelas cristalizações já existentes, possibilitam rupturas, eliminando tudo aquilo que “gruda em nossas percepções correntes e vividas” (*Ibidem*: 223), fazendo gaguejar, fender, torcer a linguagem, invertendo-se a

A vida de Biula

Magro, uma vasta cabeleira *black power*, óculos de armação vermelha, sandálias havaianas, vestes despojadas e uma serenidade surpreendente, foi dessa forma que “Biula” se apresentou a mim.

Assim que iniciou o relato sobre a sua vida, percebi o quanto a recusa em “ter de obedecer” foi importante para a conquista da sua autonomia. Conflitos com a família, com a escola, com o meio onde vive até hoje, vivências no campo da cultura, da política, da arte ofereceram a ele possibilidades de romper tanto com o modelo padrão do jovem “empreendedor”, que mudou para “melhor”, quanto com aquele perfil de militante subserviente ao partido, ou aos seus superiores.

Biula adora imaginar que “podemos construir nossas próprias vidas, mesmo sabendo que existem dificuldades objetivas, condições desfavoráveis nos cenários pessoais e coletivos”. Como líder estudantil, procura alertar a “galera” para que o “processo de transformação da realidade” caminhe juntamente com o “processo de transformação pessoal”. Alguns acontecimentos explicitam essa disposição de Biula para “colocar-se em perspectiva” (HOPENHAYN, 2001: 261), deixando-se atravessar por experiências que inundam a sua história, o tornam singular e ao mesmo tempo aberto a outras histórias. Transcendendo o particularismo, Biula recria-se através do outro, vibra no mundo e com o mundo.

Aos 14 anos, sem que os pais soubessem, permaneceu alguns dias num acampamento do MST, em Cajamar. Lá, ouviu e conheceu histórias

ordem que a opinião imprime em nossos sentimentos. Cf. Deleuze e Guattari, 1992/2007, p. 213 e 223.

de vida, comoveu-se, aprendeu o que é solidariedade e o significado da palavra “esperança” para aqueles que lutam por um pedaço de terra.

O vínculo com os seus heróis lhe trazem “energia”. Seu avô era caminhoneiro, militante comunista e participou da Guerrilha do Araguaia. Por causa dele, as questões sociais passaram a lhe interessar. Com o pai, alcoólatra, entendeu que alguns trabalhadores encontram no álcool “um refúgio para sua alienação”. A mãe o inspirou para a luta política porque ele pôde perceber o quanto ela participa de uma classe sempre explorada pelo patrão e também pela embriaguez de sua religião, que anestesia sua possibilidade de reivindicar, de mudar. O irmão mais novo, cujo grande sonho é comprar um carro e instalar nele um som, fez com que Biula se lembrasse de uma fase da sua própria juventude deixada de lado para se dedicar à “luta política”. Outros personagens como Zumbi dos Palmares, Che Guevara, Lênin, Trotsky, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Apolônio de Carvalho, o fascinaram porque lhe dão “lições”, “práticas” para empenhar-se na luta contra a desigualdade.

Assim que ocupou o lugar deixado por sua avó na casa em que reside, resolveu fazer uma “comuna”, convidando os amigos para morarem com ele. Lá repartem seus bens, ouvem música, assistem a filmes, debatem assuntos políticos. Ao criar um espaço entre as necessidades individuais e os objetivos coletivos, esses jovens tentam romper com as formas tradicionais da vida em comum em nossa sociedade, fundamentadas na família e no casamento, e buscam encontrar outras formas de existência capazes de produzir possibilidades criativas de vida ou novos “processos de subjetivação” - Biula inventando-se e contagiando-se

com a invenção de outros a ele vinculados.

Expulso da Fundação Bradesco, após 11 anos de estudos nessa instituição, ao faltarem apenas dois anos para o término do Ensino Médio, Biula acrescentou em sua bagagem elementos importantes para se transformar num militante estudantil. Vivenciou na pele uma educação que molda as pessoas para trabalharem no mercado, reservando aos “melhores” as vagas de gerenciamento e, aos “inferiores”, os cargos denominados “técnicos de” segurança, de faxina. Os seis negros, entre eles Biula, numa sala de 40 alunos, eram tratados “como se tivessem problemas psicológicos”, porque não acompanhavam o desempenho acadêmico da turma. Qual o problema de Biula além, é claro, de sua “teimosia” em manter o cabelo *black power* e em querer organizar o grêmio estudantil? Não acreditar que alguém possa ficar rico “só por vontade”, uma ilusão que, segundo Biula, era divulgada a todo o momento pela escola e questionada por ele. Não se assujeitou. Optou por uma escola estadual, onde pensou encontrar pessoas do mesmo ambiente que o seu.

“Foi mais bizarro ainda”, disse ele. Suas tentativas em formar o grêmio e promover debates na escola foram vetadas pela direção. Um protesto com a participação de quinhentos estudantes e a elaboração de uma pauta de reivindicações entregue à diretora deram início, segundo Biula, a uma prática de perseguição e vigilância aos alunos envolvidos. Alguns foram expulsos e outros se afastaram do movimento, temendo represálias. Biula desistiu dessa escola e passou a frequentar uma outra, também estadual, mas cujo ensino era modular. Apesar de tecer críticas a esse modelo encontrou

nele a possibilidade de finalizar o Ensino Médio para poder entrar em uma universidade, e ainda dedicar-se à política estudantil, criando outras formas de atuação junto à escola. Continuando e ampliando seus embates, Biula entrou para a União Brasileira de Estudantes Secundaristas. Em diversos estados, organiza, junto às lideranças juvenis dos grêmios e de entidades municipais, discussões, debates que envolvem várias temáticas e propiciam a formação política dos jovens. Nessa mesma linha de atuação, ele participa do que denomina como uma corrente de pensamento, a “Alternativa Socialista”. Dessa corrente fazem parte os jovens que, diante dos obstáculos impostos pelas escolas na constituição dos grêmios, resolveram criar “saídas coletivas”. Inicialmente, um grupo plural, sem identidade definida (socialista ou marxista), crítico em relação a algumas organizações estudantis que atuam não segundo suas próprias metas, mas de acordo com orientações definidas por partidos políticos. O que os unifica é o desejo de “militar no movimento estudantil”.

Biula também passou a se interessar por cinema e, então, juntamente com estudantes de vários grêmios e de alguns professores vinculados ao Museu da Imagem e do Som de Campinas, criaram o “*Kinopraxis*”, numa alusão crítica ao Kinoplex, situado num shopping e com objetivos mercadológicos.

É interessante perceber o movimento de Biula e dos jovens que participam dessas atividades. Enquanto uma “minoridade” (DELEUZE, 1992/2000: 214) que se coloca em “devir”, que busca expressões próprias, arriscando percorrer caminhos desconhecidos, esses jovens também são movidos pelo desejo de se tornarem “maioria”, ou

seja, de criarem para si modelos que ditam as normas do conhecer e do agir. A liberdade que encontravam, inicialmente, na Alternativa Socialista, foi substituída pela necessidade de dar ao grupo uma identidade definida e conforme as influências de um partido, o PSol. Segundo Deleuze (*op. cit.*: 214-215), esse desejo de uma minoria de tornar-se majoritária é inevitável quando é preciso sobreviver, ser reconhecido, impor seus direitos. Mas, como alerta o autor, a potência dessa minoria “provém do que ela soube criar, e [que] passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender”. Conseguirão esses jovens estar abertos às entradas cujas saídas sejam múltiplas? (ROLNIK, 1989: 66)⁹.

Quando Biula cria, com os seus amigos, o *Kinopraxis* e estabelece os princípios do seu funcionamento a partir da produção de um filme militante “para registrar os fatos historicamente”, visando o espectador mais crítico, debatendo e estudando o “cinema revolucionário”, eu me pergunto se o caráter polifônico dessa arte não acaba sendo capturado por um objetivo único, acabado. Podem os filmes “fazer como”, “imitar” um modelo revolucionário de engajamento político? A “temática social” deve necessariamente ser abordada no cinema revolucionário ou, melhor dizendo, posso, enquanto cineasta, fazer um cinema revolucionário que abale os

⁹ Rolnik refere-se aqui à prática de um “cartógrafo” aquele que, ao mergulhar nas intensidades do seu tempo, nas linguagens que encontra, compõe cartografias, desmanchando mundos e compondo outros que se criam para dar passagem aos movimentos do desejo no campo social, por isso “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”, ou seja, todas as fontes são boas se possibilitarem formas de expressão, de sentidos ao desejo entendido como “criação do mundo”, como “produtor de sociedade”.

modelos já dados e invente o que ainda falta por seus próprios meios? As situações concretas das “passeatas”, das “intervenções políticas”, quando filmadas e exibidas, nos conectam pedagogicamente a um modelo ideal de luta, de revolução ou nos impulsionam a explorar novos modos de nos relacionar com os poderes, com os conflitos, com a violência, com outras maneiras de ser? Ou, como polemiza Rancière (2007: 140), não seria na tensão, “na ligação íntima e paradoxal entre uma idéia da arte e uma idéia da política”, que encontraríamos as possibilidades de resistência?

Biula questiona a tão falada “apatia da juventude”. Acredita que as atividades que desenvolve juntamente com as outras lideranças juvenis já fazem parte de um processo crítico, contestador, “antissistêmico”, embora não tão evidente ainda. Considera as mobilizações dos jovens imigrantes na França e dos secundaristas no Chile como acontecimentos inéditos pois, com a ajuda da internet, esses estudantes não dependeram de lideranças centralizadas para organizar suas manifestações.

Nosso militante também não poupa críticas à esquerda em seu modo, muitas vezes tradicional, de agir, seja no que diz respeito à forma centralizadora de a esquerda se organizar, seja no preconceito que muitos manifestam tanto em relação aos mais jovens, os quais, segundo os mais velhos, teriam “muita energia e poucas propostas”, quanto em relação àqueles que não possuem o “capital cultural” das lideranças mais antigas.

Biula também encontrou uma forma de driblar o preconceito que sofre cotidianamente ao criar um estilo de se vestir, disfarçando-se de “jovem universitário sempre acompanhado de

livros”. A “farsa” é útil tanto para evitar que a polícia o barre nas ruas da cidade, já que ele, nesse disfarce, se assemelha com um jovem da classe média, quanto para “facilitar seu acesso a um poder de expressividade” (PAIS, 2006:17), potencializando a carência em “apetência”, a perda em conquista, a vulnerabilidade em “buscas de si através do outro”.

Biula me surpreende. Em alguns momentos, seus desejos de mudar o mundo, de conscientizar as pessoas, de se empenhar em lutas de “transformação sistêmica” parecem se espelhar em antigos paradigmas da “vanguarda” revolucionária. Sua compreensão a respeito do “cinema revolucionário” e as “lições” e “práticas” que seus heróis lhe dão expressam, a meu ver, a repetição de clichês das palavras e das ações comuns à militância política de esquerda. Em outros momentos, Biula firma a sua independência dessas últimas e de outras quaisquer não apenas reforçando a importância de a transformação pessoal do militante caminhar juntamente com a transformação da realidade, mas também lutando por “um modo singular de se expor à transfiguração do entorno” (HOPENHAYN, 2001: 256). Permeável ao meio e reinventando a si mesmo, ele encontra energia para transfigurar esse meio.

No entanto, algo mais instigante ainda se passa com Biula. Capoeirista, ele sabe contornar as barreiras da vida. Quando se refere ao ritual da roda, em que as pessoas se igualam, se olham, traz para a militância uma experiência que não obedece à organização hierárquica e rígida das plenárias políticas das quais participa. Na roda “brotam e se espalham os movimentos giratórios dos corpos que traçam no ar

círculos abertos e dinâmicos. Lançados como de improviso, os gestos parecem seguir as linhas de uma rigorosa geometria da qual hipérbolas e arabescos invisíveis atravessam o espaço. Repetem e lançam ao infinito as linhas de fuga traçadas pelos antigos escravos. Na roda, o dançarino encontra-se no centro de linhas de forças que percorrem todos os lugares heterogêneos” (DUMOULIÉ, 2007: 5).

Às vezes, Biula expõe sua “ginga”, sua “malícia”, desviando, contornando golpes, esquivando-se do centro, invertendo “os códigos das técnicas brancas de combate: as pernas contra os braços, os pés contra as mãos, o baixo contra o alto”. Pensa-se com o pé e não com a cabeça (*Ibidem*: 13).

Capoeira, “abertura do possível” (ZOURABICHVILI, 2000: 335), uma maneira de afetar e ser afetado. Entre os gestos de uma lentidão extrema e os de uma velocidade vertiginosa, movimentos se dão no vazio, “não no nada, mas no liso do vazio onde não há mais objetivo: ataques, revides e quedas ‘de peito ao vento’” (DELEUZE e GUATTARI, 1997/2005: 80). Emergência não do que pode ou poderia ser, mas de algo intenso, inesperado, que eclode de repente e se dissipa rapidamente.

Diante do intolerável, do “esgotamento do possível” (ZOURABICHVILI, 2000:354), conseguirão Biula e sua militância criar “novos possíveis” guiado não por um projeto, ou por uma prefiguração do futuro, mas pela emergência de uma nova sensibilidade capaz de perscrutar os movimentos sociais e de buscar, como um “cartógrafo” (ROLNIK, 1989: 66-76), os canais de passagem para as mais diversas formas de expressão que o atravessam no encontro com outros?

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M.V. (org.). *Juventude e Adolescência no Brasil*: referências conceituais. S.P.: Ação Educativa, 2005.

CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C. ; ANDRADE, Carla Coelho de. (orgs.) *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br>> . Acesso em 25/01/2010.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. S.P.: Loyola, 1999.

COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel e SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. In: *Revista Brasileira de Educação*. S.P.: ANPED ,nº 23, p. 36-61, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. R.J.: Ed. 34, 1992/2000.

_____. e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. R.J.: Ed. 34, 1992/2007.

_____. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. S.P.: Ed. 34, 1997/2005.

DUMOULIÉ, Camille. A capoeira, arte de resistência e estética da potência. In: LINS, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência*: Simpósio Internacional de Filosofia, 2004.R.J.:Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, p. 01-16, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. R.J.: Graal, 1984.

_____. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. R.J.:Graal, 1979.

GATTAZ, André Castanheira. *Braços da Resistência: uma história oral da imigração espanhola*. S.P.: Xamã, 1996.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986/2000.

HOPENHAYN, Martín. Estilhaços de utopia. Vontade de poder, vibração transcultural e eterno retorno. In: LARROSA, Jorge e

SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. B.H.: Autêntica, p. 255-268, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. S.P.: Ed. Loyola, 1996/2005.

_____. (org.) *(Re) introduzindo a História Oral no Brasil*. S.P.: Xamã, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. In: *Cadernos Ceru*. S.P., nº 5, série 2, p. 52-60, 1994.

_____. *Canto de Morte Kaiowá: história oral de vida*. S.P.: Ed. Loyola, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. S.P.: Contexto, 2007.

PAIS, José Machado. Prefácio – Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. R.J.: Jorge Zahar Ed., p. 01-21, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. Será que a arte resiste a alguma coisa?. In: LINS, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência*: Simpósio

Internacional de Filosofia, 2004. R.J.: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, p. 126-140, 2007.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. S.P.: Estação liberdade, 1989.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. S.P.: ANPED, nº 13, jan.fev.mar.abr, p. 73-94, 2000.

_____. Educação e Juventude. In: *Educação em Revista*. B.H.: FAE/UFMG, n. 29, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. In: *Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação*. S.P.: ANPED, nº5, mai/jun/jul/ago, e nº 6, set/out/nov/dez., p. 37-52, 1997.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). Trad. Maria Cristina Franco Ferraz. In: ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação da Tradução Ana Lúcia de Oliveira. S.P.: Ed. 34, p. 333-355, 2000.